

# REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNESTO FERREIRA  
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, E. Ferreira,

M. Laranjeira, M. Lourinho, F. Mendes e E. Miranda

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA  
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.  
RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso ..... 2\$00  
Assinatura anual ..... 20\$00

ANO XVIII

JANEIRO 1957

N.º 124

*De 10 a 16 de Dezembro de 1956, esteve reunido em Gland, Suíça, o Conselho Anual da Divisão Sul-Europeia. Além dos Pastores E. E. Roenfelt e V. T. Armstrong, da Conferência Geral, estiveram presentes representantes da França, Itália, Espanha, Portugal, Angola, Suíça, Bélgica, Jugoslávia, Checoslováquia, Grécia e África do Norte.*

*Pelo dito Conselho foi preparada a seguinte mensagem dirigida às Igrejas da Divisão Sul-Europeia dos Adventistas do Sétimo Dia:*

Prezados Irmãos e Irmãs:

Os representantes da maior parte dos campos que constituem esta Divisão estiveram reunidos em Gland, na Suíça, em sessão do Conselho Anual. Estudámos com um espírito de oração os progressos e as necessidades da Obra nos diversos territórios desta Divisão. Estamos profundamente emocionados e nossos corações transbordam de reconhecimento para com Deus pelas Suas bênçãos e pelos cuidados de que a Sua providência rodeou a Sua Obra pelos Seus inumeráveis favores para com os Seus filhos e para com a tarefa que eles realizam; pelo êxito com que coroou os esforços que empregámos a fim de dar a última mensagem ao nosso próximo.

Ainda que os progressos da Obra em todos os países e as nu-

## MENSAGEM ÀS IGREJAS

## DA DIVISÃO SUL-EUROPEIA

meras almas que se nos uniram para servir a Deus e tornar conhecida esta última mensagem aos que ainda não tiveram ocasião de ouvir, encha de regozijo os nossos corações, reconhecemos, à luz dos acontecimentos mundiais que hoje se observam, que o fim de todas as coisas está próximo, e isso nos inspira a fazer maiores coisas para Deus. Os milhares de seres humanos que ainda não tiveram ocasião de ouvir a verdade para a nossa época voltam-se para nós e pedem-nos que lhes levemos rapidamente a mensagem divina. A ocasião mais favorável e o maior repto de todos os tempos estão perante o povo de Deus nesta hora grave e solene.

Em face desta situação, temos examinado os nossos corações a fim de nos certificarmos de que nada do que está em nós impeça o Se-

nhor de nos empregar para o Seu serviço segundo o Seu beneplácito. Estamos unidos numa nova consagração, numa maior dedicação e numa entrega mais completa à vontade divina, para permitir a Deus que cumpra os Seus desígnios por nosso intermédio. Estamos muito especialmente resolvidos, nós, que temos o privilégio de dirigir a causa de Deus, tanto na nossa vida como no nosso trabalho, a ser tais como o Senhor espera ver-nos.

Aproveitemos esta ocasião para convidar todos os obreiros e todos os crentes desta grande Divisão a unir-se a nós numa consagração mais completa ao serviço do Mestre e na determinação de acabar prontamente a tarefa que nos incumbem.

A comunhão íntima com nosso Deus e nosso Salvador Jesus Cristo e com os remidos de todos os séculos constitui um real encorajamento. Que cada um de nós se mostre tão fiel e tão fervoroso que possa ouvir no grande dia da retribuição: «Bem está, servo bom e fiel, entra no gozo do teu Senhor.»

Este número foi visado

pela

Comissão de Censura

M. V. Campbell, presidente  
M. Fridlin, secretário

# CEIFANDO A MADURA SEARA DA TERRA

Por L. K. DICKSON

Atingiu o povo de Deus a hora mais solene de responsabilidade. Um curto espaço de tempo, somente, resta para assumir a tarefa de segar a madura seara da terra.

É este o tempo de prova para a igreja. Agora se verá quais são e quais não são os ceifeiros. O povo de Deus está sob a mais severa experiência de todos os tempos. Resta-nos agora levantar-nos e concluir a obra de Deus na força do Seu Espírito e poder. Deus espera que nos levantemos e na Sua força nos adiantemos a executar o que nenhuma outra geração do povo de Deus teve o privilégio de fazer. O poder divino está à nossa disposição, para nos imbuir de consagrado espírito para a tarefa.

A igreja necessita hoje de atender ao que Deus requer dela. «Quando a igreja despertar e reconhecer o que deve ser feito em nosso mundo, então os membros se afligirão por aqueles que não conhecem a Deus e que na sua ignorância espiritual não entendem a verdade para o tempo presente. Abnegação, renúncia e sacrifício devem permear toda a nossa vida. Devemos orar e vigiar em oração, para que não haja possibilidade de incompatibilidade em nossa vida.

«Não temamos mostrar aos outros que entendemos que vigiar em oração significa viver nossas petições perante Deus, a fim de que Ele lhes possa responder.» — *Notebook Leaflets*, n.º 16, págs. 2 e 3.

Se o espírito de sacrifício de Cristo estiver em vossa e em minha vida, procurando salvar os perdidos, Suas ordens, quanto a nós, serão tão patentes hoje como sempre o foram, e serão eficazes em levar outros a segui-los.

A razão pela qual o Mundo não é mais fortemente atraído para a verdade e para o trabalho da igreja, é existir muito do mesmo espírito de Tomé quanto ao teste-

munho dos discípulos que vieram de encontrar-se com Jesus no caminho de Emaús, quando disse: «Se eu não vir o sinal dos cravos em Suas mãos... de maneira nenhuma o creerei.» A evidência de nosso sacrifício para a salvação de outros deve ser palpável antes que os homens se decidam a crer em nós, e eles devem crer em nós, antes de atentarem para a nossa mensagem.

Quando olhamos ao nosso redor e observamos quão poucos, relativamente, se impressionam com a sublimidade da verdade presente, podemos deixar de ouvir o apelo de Deus para sairmos, nós que fomos remidos pelo sangue de Cristo, e espalhar a luz da verdade por toda a parte?

Pensai um momento. Meditai seriamente. Pensai nos homens e mulheres que, ao vosso redor, vivem indiferentes, apáticos, irresponsáveis e endurecidos no que respeita a Jesus Cristo. Pensai nos que vivem oprimidos, contrariados, carregados com enormes fardos e cargas inexplicáveis, arquejando sob o peso. Pensai, então, naqueles que vivem cruciantemente tentados, por paixões internas e seduções externas; que se debatem com tentações, que são engolfados e levados pela voragem, à perdição. Pensai também naqueles que vivem solitários e abatidos pela tristeza. Que significa isso para vós? Sentis um incitamento interior, impelindo-vos a gastar-vos a fim de transformar essas condições, de fazer com que essas vidas assoladas brilhem pelo conhecimento de Cristo e de Sua verdade? Se sim, lembrai-vos então da palavra do apóstolo Tiago: «Aquele que fizer converter do erro do seu caminho um pecador, salvará da morte uma alma, e cobrirá uma multidão de pecados.»

Necessitamos concentrar e per-

sonificar os nossos pensamentos, como fez nosso Mestre. E se o fizermos, descobriremos que, das duas, uma: ou somos hipócritas, ou seguidores do Mestre para um profícuo evangelismo de salvar almas.

A situação das multidões inadvertidas, ao nosso redor, requer que saíamos da zona de compromisso e apatia e de falta de luta, para uma positiva aversão ao pecado, e tudo consumindo num amor de sacrifício em favor das almas. Vida de vigoroso labor, sim, vida de sacrifício, deve agora fazer vibrar a igreja, para que a tarefa que está à espera possa ser executada.

No coração de cada cristão há um impulso interior que o impele para o serviço do Mestre, apesar da fraqueza física e da timidez pessoal, do temor dos homens ou outro qualquer obstáculo.

E este impulso interior da vida que experimentou o renascimento levará o seu possuidor a renunciar a tudo o que seja necessário a fim de que outros encontrem a Cristo e sejam salvos por Seu ministério.

A não ser, no entanto, que sigamos fingidamente a religião de Cristo, precisamos de encarar o problema e entregar-nos sem reservas à tarefa de salvar almas. Jamais houve tempo tão oportuno como esta hora de crise actual. Nunca uma acção veloz foi tão necessária da parte de cada filho de Deus. Ponhamos de parte a nossa inércia, indolência, indiferença e entreguemo-nos, de novo, ao discipulado de Cristo, saindo a consumir a obra de Deus.

## AOS NOSSOS ASSINANTES

Com o presente número desta Revista, chega a altura de se satisfazerem as assinaturas de 1957.

A fim de se evitarem inúteis despesas com cobranças, muito gratos ficaríamos se os nossos estimados assinantes que ainda o não fizeram quisessem durante este mês enviar-nos directamente, ou através das suas igrejas, a respectiva importância.

Em tempo de doença voltar-se-á o verdadeiro cristão para os muitos e variados curandeiros, em busca de conselho e cura?

Em resposta a esta pergunta devemos lembrar que os enganos do inimigo são legião, e que, em conformidade com as Escrituras, existem no Mundo duas forças operadoras de milagres.

Os mágicos do velho Egipto foram capazes de contrafazer alguns dos milagres praticados pelo poder de Deus, e, nos últimos dias, a igreja remanescente é convidada a precaver-se contra os «espíritos de demónios, que fazem prodígios» (Apoc. 16:14) e buscarão enganar o povo de Deus. Ver, também, Êxo. 7:10, 11 e 22; S. Mat. 24:24. Deus, Autor de toda a vida, é o único Ser que verdadeiramente cura, e caso haja alguma dúvida quanto aos meios e métodos empregados para a cura, o único procedimento seguro consiste em seguir o conselho bíblico e o Espírito de Profecia.

Estamos informados de que metade do número de leitos existentes nos hospitais da América do Norte estão ocupados por doentes mentais. Muitos deles sofrem dos efeitos da quebra dos votos matrimoniais, orgia desbragada, desejos incontidos, paixões desordenadas, e a tortura de uma consciência culpada. Quantas oportunidades para o médico cristão e o assistente social se aproximarem desses doentes com o bálsamo curativo de Gileá!

«Cristo é a fonte da vida.» «A permanente paz, o verdadeiro descanso do espírito, não tem senão uma Fonte.» Nela encontramos «as curativas forças celestes», e «quando a luz solar do amor de Deus ilumina as mais escuras câmaras da alma, cessam o desassossêgo, a fadiga e o descontentamento, e satisfatórias alegrias virão dar vigor à mente, saúde e energia ao corpo.» — *A Ciência do Bom Viver*, págs. 212 e 213.

Quão deplorável é, porém, que um tão grande número de especialistas em Medicina, a quem recorrem esses doentes perturbados e desequilibrados, sejam, eles próprios, incapazes de sugerir o único verda-

# AS CURAS PELO HIPNOTISMO

ROY F. COTTRELL

deiro remédio para a alma enferma de pecado! Esses psiquiatras e psicanalistas, que em seu conhecimento não dão lugar a Deus, podem prescrever numerosas medidas paliativas; mas ao buscarem tratar a mente, essa delicada cidadela da obra prima divina, não buscam o conselho divino nem o desejam, e os remédios que fornecem são-no de concepção meramente humana.

As filosofias e métodos de tratar as doenças mentais, tanto são numerosas quanto diversas. Afamado psicologista é levado a declarar que «mais do que nunca dantes, a especialização atingiu o ponto em que os homens sabem cada vez mais acerca de cada vez menos.» — F. L. Ruch, *Psychology and Life*, págs. 447 e 448.

Em vista destes factos, por que deveria o professo cristão, mental e fisicamente angustiado e torturado, recorrer ao conselho e auxílio de psiquiatra não cristão? Em vez disso, atenda toda a alma turbada aos apelos do Médico da Galileia, que diz: «Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei» (S. Mateus 11:28) pois n'Ele existe a certeza de sermos «ajudados em tempo oportuno» (Heb. 4:16).

## Favorecer Médicos Cristãos

Consultando o Espírito de Profecia, achamos este oportuníssimo e sadio conselho: «Os médicos que amam e temem a Deus são poucos em comparação com os que são ímpios e abertamente irreligiosos; e devem ser preferidos a esta última classe. Bem fazemos em não confiar em médicos irreligiosos. ... Quão fora de lugar está o médico irreligioso quando à cabeceira de um moribundo!» — *Counsels on Health*, pág. 326. «Não é seguro confiar em médicos que não tenham

o temor de Deus.» — *Idem*, pág. 456.

Hoje em dia o engodo do hipnotismo e da psicanálise está atraindo grande número de pessoas de várias classes. O hipnotismo é muitas vezes praticado como diversão em reuniões sociais. As Universidades oferecem cursos de hipnotismo a médicos como auxílio para o diagnóstico de doenças, para o alívio de dores, e para o tratamento de certas desordens mentais.

## Indicação dos Perigos

Uma e outra vez a serva do Senhor nos adverte contra os perigos do hipnotismo e outras armadilhas satânicas. (Ver *Early Writings*, págs. 44, 59 e 87; *Testimonies*, Vol. I, pág. 290, etc.). A história trágica do rei Acázias é também preservada como exemplo infatigável para o povo de Deus. Foi ferido seriamente, mas em vez de apelar para o Médico celestial, enviou mensageiros que consultassem o deus de Ecrón.

«Conquanto não rendamos homenagem a deuses pagãos, todavia milhares estão adorando no altar de Satanás, tão certo como o fez o rei de Israel.» — *Test. Sel.*, Edição Mundial, Vol. II, pág. 51. «Muitos há que tremem de horror ao pensamento de consultarem médiuns espíritas, mas são atraídos por formas mais prazenteiras de espiritismo. ...

«Os adeptos de quase todas as formas de espiritismo pretendem ter o poder de curar. Atribuem esse poder à electricidade, ao magnetismo, às chamadas 'simpatias' ou às forças latentes existentes na mente humana. E não poucos, mesmo nesta era cristã, há que recorrem a esses curandeiros, em vez de confiarem no poder do Deus vivo e na perícia de médicos competentes. A mãe que vela à cabeceira do filho doente, exclama; 'Nada mais posso fazer. Não existe um médico que possa curar meu filho?' São-lhe relatadas as curas

# AS PERSEGUIÇÕES E O PROGRESSO DA IGREJA

— POR E. FERREIRA

As perseguições não constituem uma experiência inesperada, nem tão pouco a experiência mais perigosa, para a Igreja.

Com efeito, Jesus advertiu que o Evangelho provocava, não uma reacção de louvor, mas de opposição. Essa opposição manifestar-se-ia em primeiro lugar na própria família do crente: «O irmão entregará à morte o irmão, e o pai o filho; e os filhos se levantarão contra os pais e os matarão. E odiados de todos sereis por causa do Meu nome.» (Mat. 10:21, 22).

Por parte dos estranhos — do Mundo — teria também o crente de sofrer perseguições: «Se o Mundo vos aborrece, sabei que, primeiro do que a vós, Me aborreceu a Mim. Se vós fosseis do Mundo, o Mundo amaria o que era seu, mas, porque não sois do Mundo,

extraordinárias realizadas por algum clarividente ou curandeiro magnético, e a seu cuidado ela confia o filho, pondo-o nas mãos de Satanás tão verdadeiramente como se ele lhe estivesse ao lado. Em muitos casos, a vida futura da criança é controlada por um poder satânico, que parece impossível romper.» — *Prophets and Kings*, págs. 210 e 211.

Nesses dias finais da história da Terra, o inimigo da nossa alma «desceu a vós [nós], e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo.» (Apoc. 12:12). Ele enganaria, se possível, os próprios eleitos. Por isso, todo o membro da igreja remanescente deve estar alerta e vigilante, lembrando-se da advertência inspirada, feita pelo apóstolo Paulo: «Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs subtilidades, segundo a tradição do Mundo, e não segundo Cristo» (Col. 2:8).

antes Eu vos escolhi do Mundo, por isso é que o Mundo vos aborrece. Lembrai-vos da palavra que vos disse: Não é o servo maior do que o seu senhor. Se a Mim Me perseguiram, também vos perseguirão a vós... Mas tudo isto vos farão por causa do Meu nome; porque não conhecem Aquele que Me enviou.» (João 15:18-21).

Após a ascensão do Mestre, os Seus discípulos sofreram por parte dos judeus contínuas e cruentas perseguições. Não desanimavam, porém; antes se alegravam, «regozijando-se de terem sido julgados dignos de padecer afronta pelo nome de Jesus.» (Act. 5:41).

O ser perseguido é tão natural para o crente que o apóstolo Paulo chegou à seguinte conclusão: «Tocados os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições.» (2 Tim. 3:12).

Essa, continuaria a ser a experiência dos séculos ulteriores da igreja cristã. Ao traçar o quadro profético dos acontecimentos que mediarão entre a Sua primeira e a Sua segunda vinda, Jesus advertiu: «Entregar-vos-ão para serdes atormentados, e matar-vos-ão; e sereis odiados de todas as gentes por causa do Meu nome.» (Mat. 24:9).

As últimas cenas da história da Terra não hão-de ocorrer sem que a Igreja seja cruelmente perseguida, — sem que se procure que dentre os crentes «ninguém possa comprar ou vender» e sem que se tenham tomado medidas para que «fossem mortos todos os que não» acatassem preceitos humanos contrários à Revelação divina. (Apoc. 13:17, 15).

★

É esta a experiência por que estão passando milhares de cristãos adventistas em nossos dias.

Tem permanecido envolta em mistério a existência da Igreja

adventista na Rússia durante os passados 28 anos. Neste lapso de tempo nenhum contacto tem sido possível estabelecer com os nossos irmãos na fé daquele país. Sabemos agora que oitenta obreiros foram deportados para a Sibéria e ali morreram executados ou como resultado de privações e maus tratos. Nem um só voltou. Nenhuma literatura adventista pode ali ser impressa — nem sequer o trimensário da Escola Sabatina. Um quadro existente nalgumas igrejas, com um boi junto de um altar e de um arado, representa bem a atitude dos nossos crentes russos: dispostos a sofrer o martírio no altar do sacrifício ou a trabalhar em favor dos seus semelhantes. Por informações fidedignas sabemos que, apesar de todas estas perseguições e dificuldades, há na Rússia 26.000 adventistas — outros tantos heróis que conhecem o Seu Deus e o poder da fé e da oração.

Com a Checoslováquia nenhum contacto tem sido igualmente possível durante anos. Temos agora conhecimento de que todos os nossos obreiros foram presos e as nossas igrejas fechadas. Pensávamos que poucas pessoas ousariam unir-se a este povo para enfrentar tão grandes dificuldades. Por cálculos optimistas julgávamos que houvesse ali uns 6.000 crentes. Com grande surpresa, as estatísticas revelam que no fim de 1956 temos na Checoslováquia uns 8.000 membros da igreja, dispostos a continuar passando por todos os sacrifícios e firmes na sua fé.

Na Colômbia, a Igreja adventista tem igualmente passado por experiências difíceis. Recentemente, vários dos seus membros foram assassinados, muitos foram presos, alguns edifícios de igreja foram destruídos; mas, apesar disso, nunca naquele país se registaram progressos mais encorajadores. Em 1955, para cima de 1.200 novos membros se uniram a esta Igreja.

★

Vemos assim que as perseguições não constituem o obstáculo mais temível para o progresso da

Por feliz coincidência, a mensagem do Boletim missionário para o Sábado 1.º de Dezembro, que tinha por tema, «Valem a pena as missões?», foi lida quando me encontrava de visita à nossa Missão de S. Tomé. Digo-vos, prezados leitores e irmãos na Fé, que nunca me senti tão agradecido a Deus por ter nascido no seio de uma família missionária e de pertencer a um povo missionário, como nesse dia.

Conquanto seja sempre com bastante interesse que as nossas igrejas e Escolas Sabatinas escutam as leituras ou narrações do que se passa nos campos missionários, essas histórias verdadeiras perdem sempre muito do seu valor, porque não estamos lá para as presenciar. É necessário visitar, uma vez pelo menos, um campo missionário, para que, verdadeiramente, se possa apreciar tudo o que os nossos valorosos missionários nos querem dizer, em resposta a essa importante pergunta: «Valem a pena as missões?»

Da resposta a esta pergunta dependerá o fluxo das ofertas, donativos e sacrifícios em dinheiro e vidas, que faz com que esse trabalho avance.

Convido-vos então a acompanhar-me numa rápida digressão, para verdes o que se tem passado

Igreja. Esta não é obra humana mas divina — e a má vontade dos homens não pode prevalecer contra Deus.

O maior perigo não reside nos ataques do exterior, mas na própria vida íntima de cada um de nós.

Com efeito, lemos em *Testemunhos Selectos* (ed. mundial), vol. III, pág. 246: «Não é a oposição do Mundo que mais perigo nos faz correr; é o mal acariciado no coração dos professos crentes que nos inflige o mais grave dano e mais retarda o progresso da causa de Deus.»

Em vez de lamentarmos constantemente as perseguições e dificuldades, não será mais conforme às Escrituras consagrarmos a nossa vida a Deus e avançarmos pela fé?

# VALEM A PENA AS MISSÕES?

POR PEDRO B. RIBEIRO

na nossa missão de S. Tomé e Príncipe. Para vós a «viagem» não será nada maçadora: são apenas necessários uns minutos de atenção, pois o resto eu o farei por vós.

Mercê de um serviço óptimamente organizado; a Metrópole

quer na da redenção. Ele nunca faz alarde da Sua omnipotência nem da Sua onisciência. O Seu método é agir sempre do mínimo para o máximo, certo e infalível, como «um dia faz declaração a outro dia».



S. Tomé — Após a primeira Escola Sabatina realizada no novo templo

portuguesa conseguiu anular as distâncias que a separavam desses pedaços de terra lusa e, em pouco mais de 20 horas, podemos abraçar os nossos missionários quer de S. Tomé, quer de Angola.

Neste tempo, «que coisas Deus tem operado! (Num. 23:23), quer em cumprimento de Daniel 12:4, quer de S. Mateus 24:14.

Em 1936 aportou à Ilha de S. Tomé, em missão de colportagem, José Freire. Após alguns contactos, conseguiu organizar uma Escola Sabatina, cuja primeira acta tivemos o prazer de ler no momento da inauguração do novo templo.

É sempre interessante observar os contrastes que se verificam nos planos de Deus e na forma como actua, quer na Sua obra da cria-

Em S. Tomé, a luz brilhou um dia e, diz-nos o relatório citado, a Escola Sabatina começou com meia dúzia de membros, estudou-se a lição com o auxílio do trimensário num humilde quatinho e a colecta rendeu alguns tostões. Uma coisa essa acta não diz, mas nem por isso deixou de se notar: a mão de Deus estava ali.

Vieram dificuldades: os crentes foram proibidos de se reunirem durante vários meses, não sei por que motivo. No entanto, o número aumentava. «Eis que diante de ti puz uma porta aberta e ninguém a pode fechar», tal é a irresistível certeza que é dada à Igreja no dealbar do século das missões, por «Aquele que é Verdadeiro e tem a chave de David e abre e ninguém fecha!»

Hoje, na missão de S. Tomé e Príncipe temos 9 Escolas Sabatinas, sendo 8 filiais, com um total de 377 membros. As ofertas para as missões em cada Sábado não são inferiores às de qualquer igreja de brancos com o mesmo número de membros e a oferta do 13.º Sábado é superior. «Como se obterá tal oferta?» era a pergunta que me fazia a mim mesmo, muitas vezes. Nada mais simples, mas, também, nada mais interessante. Cada aluno tem um envelope com o seu nome, no qual coloca cada Sábado uma moeda, produto das suas magras economias ou de alguma produção da sua lavra. O envelope recolhe a um tabuleiro onde todos são guardados, ficando em poder do tesoureiro. No fim do trimestre, cada um tem a alegria de saber com quanto contribuiu para os empenhamentos missionários em qualquer parte da Terra. Os irmãos de S. Tomé conhecem e sentem bem, por experiência própria, a palavra do grande missionário Paulo: «O Senhor ama ao que dá com alegria». O bello templo onde hoje têm a alegria de se reunirem para o culto de Deus, é testemunha dos muitos sacrifícios feitos por aqueles irmãos, traduzidos em muitas dezenas de milhares de escudos, com que contribuíram para erigir um templo que honrasse o nome de Deus. Oxalá que o seu templo possa entusiasmar outras igrejas a fazerem algum sacrificio, para que todas as nossas congregações possam ter um lugar próprio e digno onde o nome de Deus possa ser anunciado.

Até há bem poucos dias não era possível, por falta de espaço, realizar a Escola Sabatina das crianças e intermediários, ao mesmo tempo que a dos adultos. Dessa forma, as actividades da Escola Sabatina, começavam pouco depois das 7 horas da manhã para as classes primárias e às 9,45 para os adultos. Na hora do culto, o problema era mais complicado. Os pais que desejassem ter os seus filhos consigo na sala de culto, tinham de os sentar no estrado em volta do Pastor, provocando-lhe ainda mais abundantes gotas de

suor. Hoje pela graça de Deus, no templo que acabou de ser inaugurado, há lugar para todos.

É interessante visitar os grupos no interior da Ilha e esse prazer foi-me dado cada noite, durante uma semana. Temos o trabalho estabelecido no Bom Bom, na Trindade e em Santana. Em cada uma destas localidades o Irmão Eliseu Miranda tem os seus colaboradores, catequistas assalariados ou obreiros voluntários. Procuram desenvolver o trabalho pela pregação em salas alugadas e por meio de visitas domiciliárias, aliando ao ministério da Palavra para a cura do espirito carregado de trevas e de terríveis superstições, o ministério da saúde. Fazem tratamentos naturais, dão injeções e prodigalizam outros cuidados, para que tantas vezes são chamados, junto dos velhos e doentes, membros ou não da nossa igreja.

Foi, de facto, um prazer, falar do amor de Cristo e das promessas de Sua volta a todas as almas que enchiam essas salas de culto. Sentia-me tão bem entre elas, e o meu coração de português pulsava, ao apertar-lhes as mãos, com o mesmo amor e anseio de que se salvem, como quando o faço aos que, dia a dia, abor damos nas nossas cidades da metrópole.

Devido à falta de tempo não me foi possível visitar a ilha do Príncipe. O catequista que ali trabalha, irmão Atanázio Cupertino, deslocou-se a S. Tomé para assistir à inauguração do novo templo. Este irmão foi portador de boas notícias do trabalho naquela ilha. Temos ali cerca de 18 membros da igreja e 32 da Escola Sabatina. Apesar de viverem bastante isolados e sem nunca terem assistido a um culto em qualquer igreja maior o zelo destes crentes é digno de ser imitado. Isso prova-se não só pelo seu apego à verdade, a despeito de muitas dificuldades e opposição, mas também pela sua generosidade para com a Causa, não obstante a sua extrema pobreza. Tanto nas ofertas para a Escola Sabatina como nas especiais em resposta a qualquer apelo, comove-nos a prontidão destes ir-

mãos. Como exemplo basta citar que para a semana de oração e sacrificio, o grupo do Príncipe contribuiu com mais de seiscentos escudos. É, além disso, notável a sua fidelidade no pagamento dos dízimos.

A influência social da missão de S. Tomé, está acima de toda a dúvida. Ela conta com a simpatia geral dos Governantes e da população quer europeia, quer nativa. Para isso, a nossa escola primária tem sido factor de primeira ordem. Assim sendo, é do mais rudimentar dever deixar aqui uma palavra de gratidão às Excelentíssimas autoridades administrativas. Embora nada nos tenham dado, a não ser a liberdade de disfrutar dos direitos que a Constituição outorga aos que deles sabem fazer uso legitimamente, têm-nos, no entanto, estimulado a prosseguir nas nossas directrizes, quer nas suas visitas officiais à instituição, quer quando se dignam receber-nos em ocasiões especiais.

Muitos amigos europeus têm enviado os seus filhos à nossa escola, e nós com muito gosto os recebemos. Pena é que, em vez de espaço para 250 alunos e dos poucos professores e meios de que dispomos, não tenhamos possibilidades para admitir o dobro. Mesmo assim, a escola só pode funcionar graças ao esforço dos dois professores e do director da Missão e sua esposa, que passam a maior parte do seu tempo dentro das salas de aula. E quando algum dos professores está ausente em férias (como acontece actualmente), o peso dos 250 alunos recai sobre os que ficam. A nossa gratidão, pois, aos que tanto se esforçam para fazer avançar a causa de Deus nessa bella ilha.

Em virtude do êxito da nossa escola primária, muitos já nos têm sugerido a instalação de uma secção secundária. Os jovens de S. Tomé desejam instruir-se e muitos fazem reais sacrificios para o conseguirem. Na nossa escola temos alunos que percorrem todos os dias 7, 10 e 14 quilómetros, a maior parte das vezes a pé, para assistirem às aulas.

# ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

## Aos Pés de Cristo

O livro *Aos Pés de Cristo*, de E. G. White, foi editado pela primeira vez em 1892. Até ao presente, foram vendidos oito milhões de exemplares. Foi traduzido em setenta e cinco línguas diferentes. Acabam de fazer-se cinco novas traduções: em coreano, em turco, em tonga (Pacífico), em ibo e em yoruba (África central).

Não é esta uma manifestação do dom das línguas? — *E. Evard.*

## Boas Novas da União do Congo

Consideramos um real privilégio trabalhar aqui num dos mais in-

Da influência espiritual e moral da nossa escola, não nos é possível falar. Isso transcende a nossa acanhada visão. Não possuo dados concretos do número de jovens que são membros da igreja e começaram os seus contactos com a missão por meio da escola, mas sei que são muitos. É também interessante notar que, quando viajamos pelo interior da ilha, até às partes mais afastadas, as pessoas que estão nos seus trabalhos no campo ou nos caminhos, saudam com simpatia quando o carro da missão passa. Estão saudando o sr. professor e a sr.<sup>a</sup> professora, o director da missão e a sua esposa, porque foram seus alunos talvez há sete ou dez anos passados!

Vamos deixar S. Tomé, a nossa Missão e, também, os nossos queridos e fiéis missionários. Eles ali ficam entregues à sua tarefa de cada dia e ao calor daquele clima que abate e depauperava. Porém, os problemas e espinhos do trabalho, a nostalgia da terra e dos queridos, ainda mais os consomem! Eles contam com as nossas orações e simpatia. Confiam em vós e olham à cruz para aumirem forças e esperança. Sabem que é ela, pelo sacrifício aí consumado pelo Missionário vindo do Céu, a mais cabal e eloquente resposta à pergunta: «Valem a pena as missões?»

teressantes campos missionários da África, a União do Congo. É neste campo que está o pequeno mas extraordinário território de Ruanda Urundi, bem no coração da África. A nossa obra em Ruanda Urundi começou logo depois da primeira grande guerra mundial, e encontrou tal eco que fez o Evangelho achar nesta área densamente habitada milhares e milhares de africanos que desde então vieram para a Igreja. O crescimento foi tal que hoje deparamos o problema de como atender às necessidades deste elevado número de crentes africanos.

Durante 1955 somente houve um acréscimo de 8.194 novos membros nos cinco postos missionários que se encontram em Ruanda Urundi. A nossa maior missão aqui, Gitwe, tem agora 283 escolas, 16.000 membros e mais de 25.000 interessados nas classes baptismais. E para guiar esta multidão de crentes há ao lado de um valioso e belo grupo de pastores africanos, apenas um missionário estrangeiro.

A recente reunião campal mostrou-me algumas coisas da maravilhosa influência do Evangelho aqui em Ruanda. O último Sábado em que assisti a uma das reuniões campais do campo distrital da Missão de Rwankeri, 87 pessoas vieram à frente atendendo ao apelo feito. Também numa outra reunião no posto missionário da Missão Ngoma, 150 pessoas responderam ao apelo para aceitar a Jesus. Muitas delas ainda usam os velhos braceletes pagãos nos braços e nas pernas, e outras ainda usam os símbolos que indicam terem tido elas contacto com outra denominação cristã.

Creio sinceramente que este maravilhoso movimento para o Evangelho aqui em Ruanda Urundi é grande resultado da vida e do espírito missionário dos nossos crentes, e em particular dos nossos jovens. Os jovens daqui estão fazendo um grande trabalho para Deus. Como regra eles têm uma reunião

geral dos Missionários Voluntários por mês, e noutros Sábados saem para realizar reuniões missionárias nos distritos. Comumente ao ar livre, no sopé das colinas, realizam essas reuniões para as quais convidam os nossos membros e outras pessoas da cidade. Ali eles instruem aqueles que previamente interessaram na mensagem adventista.

Os nossos jovens estão continuamente em busca de novas maneiras de atrair as pessoas de fora da nossa igreja. Cuidam dos jardins para pessoas idosas ou doentes. Ajudam as pessoas doentes a andar para o lugar de tratamento. Provêem lenha para os incapacitados. Algumas vezes levam flores e também alimento aos necessitados. Ou constroem novas cabanas nos lugares onde elas se queimaram. Num lugar eles foram à procura de um filho desgarrado de seu velho pai e o voltaram a trazer para o lar. Como resultado o idoso senhor veio para a igreja e entrou para a classe baptismal.

Os últimos relatórios mostram que durante o segundo trimestre deste ano (1956) os nossos jovens na União do Congo foram também responsáveis pela entrega de 2.016 preciosas almas ao baptismo. Isso é um maravilhoso testemunho do entusiástico e difícil trabalho da nossa juventude. — *P. G. Werner.*

## Alunos inscritos nos nossos Colégios Superiores da América do Norte

Sentimo-nos alegres ao relatar um aumento nas inscrições nos nossos colégios superiores da América do Norte. O nosso relatório ao começar o ano é o seguinte:

Atlantic Union College .....	533
College of Medical Evangelists .....	804
Canadian Union College .....	100
Emmanuel Missionary College ...	865
La Sierra College .....	844
Oakwood College .....	230
Oshawa Missionary College .....	47
Pacific Union College .....	768

A transportar .....

4.191

Transporte .....	4.191
Theological Seminary .....	158
Southern Missionary College ...	484
Southwestern Junior College ....	215
Union, College .....	808
Washington Missionary College	698
Walla Walla College .....	1.250
<b>Total .....</b>	<b>7.804</b>

Temos um bom ganho em relação ao ano passado. Sentimo-nos felizes por ver tantos dos nossos jovens avançando na educação para o serviço de Deus. — *E. E. Cossentine.*

### As vendas do «Desejado de Todas as Nações» atingem a casa dos 400.000

Uma alegre notícia de C. L. Paddock, gerente do Departamento dos Livros da Pacific Press: «Imprimimos 400.000 exemplares de *O Desejado de Todas as Nações* (edição missionária), e pela maneira como as encomendas estão chegando duvidamos que tenhamos exemplares em número suficiente para atender a todos os pedidos.»

Os irmãos esperam vender meio milhão de exemplares desta inspirada biografia de Jesus escrita por Ellen White e usada extensamente como o livro missionário para 1956. — *D. A. Delafield.*

### A obra de beneficência na Inglaterra

Em Leeds, as nossas Irmãs Dorcas organizaram uma venda de beneficência que chamou a atenção do jornal local, o «Yorkshire Post». «Uma venda de beneficência da Sociedade de Dorcas, escrevia este último, para a obtenção de recursos necessários para a distribuição de gêneros alimentícios aos doentes e os velhos da cidade, teve lugar na escola de Lauriston. Esta venda foi aberta pela Sr.<sup>a</sup> N. Filding, de Sheffield, apresentada pela Sr.<sup>a</sup> J. Shom e a Sr.<sup>a</sup> Parkin, presidente da Sociedade, que está relacionada com a igreja adventista. «O produto da venda constituiu motivo de encorajamento para os membros da sociedade, e,

dizia a notícia: «Estamos certos de que será um estímulo para outras igrejas.» Desta Sociedade de Dorcas, alguém fez o seguinte comentário: «Mais vale ser pequeno e brilhar, do que ser grande e lançar sombra.»

Os membros desta sociedade ocupam-se de pessoas necessitadas dignas de interesse: um casal, cujo marido sofria de um úlcera, e a esposa, atingida de paralisia, teve de entrar no hospital. A sua saída, os membros da Sociedade de Dorcas visitaram-nos. Noutro caso, um pai de família tinha abandonado os seus e a mãe tinha sofrido com isso uma depressão nervosa. Quem ia ocupar-se do filho? As nossas irmãs encontraram para este um lar, e forneceram-lhe o vestuário de

que tinha necessidade. Ocuparam-se também doutra criança que era alvo de remoques dos seus camaradas de escola. Descobriu-se que isso era devido ao facto de estar vestido de uma maneira que se prestava ao ridículo. Descobriu-se depois que ele vivia com um velho de oitenta anos, surdo-mudo, e que a sua mãe tinha abandonado o lar. A Sociedade de Dorcas esforçou-se por remediar essa situação.

«O número destas experiências poderia ser multiplicado. Elas mostram claramente que na nossa própria cidade há necessidade real de um serviço de amor e de simpatia prática que as nossas Sociedades de Dorcas deviam estar preparadas a prestar com alegria», dizia um relatório. — *H. E.*

## CALENDÁRIO ADVENTISTA PARA 1957

- 19 de Janeiro — **Dia da Liberdade Religiosa**
- 2 de Fevereiro — **Dia do Lar**
- 2 de Março — **Cruzada Missionária (Distribuição de Impressos)**
- 16 a 23 de Março — **Semana dos M. V.**
- 6 de Abril — **Início da Campanha das Missões**
- 13 de Abril — **Dia do Espírito de Profecia**
- 4 de Maio — **Dia das Dorcas**
- 1 de Junho — **Dia da Voz da Profecia e Oferta para o Fundo da Rádio**
- 6 de Julho — **Dia Médico-Missionário**
- 3 de Agosto — **Iluminando os territórios em trevas**
- 17 de Agosto — **Dia da Educação**
- 7 de Setembro — **Dia da Colportagem**
- 21 de Setembro — **Dia das Classes Progressivas**
- 28 de Setembro — **Dia da Escola Sabatina**
- 5 de Outubro — **Cruzada Missionária (Inscrições para o Curso Bíblico por Correspondência)**
- 12 a 19 de Outubro — **Grande Semana**
- 26 de Outubro — **Dia Pro-Temperança**
- 16 a 23 de Novembro — **Semana de Oração e Sacrifício**
- 7 a 28 de Dezembro — **Campanha da Revista Adventista**

# Página da

# Juventude



## Um lugar para cada um

«Tão certo como nos está preparado um lugar nas mansões celestes, há também um lugar designado aqui na Terra, onde devemos trabalhar para Deus.» — *Parábolas de Jesus*, págs. 326, 327.

## Devoção Matinal

Foi este ano preparado com uma linda capa a três cores o livrinho da Devoção Matinal. Como habitualmente, encerra a indicação de um texto bíblico para cada dia, poesias, o ano bíblico para jovens e menores, e a tabela do pôr-do-sol de todas as sextas-feiras do ano. Já poucos exemplares restam. Os que temos encontram-se à disposição de quem os requisitar. Preço: 3\$00.

## Meditações Matinais

Muitos não se contentam com a simples leitura do texto bíblico para cada dia. O livro «Meditações Matinais» destina-se a fornecer alimento mais abundante. Os que usaram as «Meditações Matinais» do ano passado não deixarão de adquirir as deste ano. Os outros experimentem e não se arrependirão. Preço: 30\$00.

## Destino das Ofertas dos M. V. em 1957

As ofertas dos M. V. durante o ano de 1957 destinam-se à construção de uma escola missionária em Soamanandrany, na ilha de Madagascar.

## Curso de Leitura para 1957

Para os jovens, oferecemos este ano como livro do Curso de Lei-

tura *O Conflito dos Séculos*, obra magistral saída da pena de E. G. White, e recentemente editada pela Publicadora Atlântico, Lda., de Lisboa. As suas 536 páginas lêem-se com um interesse sempre

São 24 histórias — qual delas a mais linda. Preço: 15\$00.

Os pedidos devem ser feitos através da Sociedade de Jovens da respectiva igreja.

## VI Acampamento Nacional dos M. V.

Este ano, de 19 a 28 de Agosto, realizaremos mais um



S. Tomé — Grupo dos jovens que fizeram exame das classes progressivas

crescente. Nelas são lembrados os acontecimentos históricos de maior relevo na história do Cristianismo e os acontecimentos futuros tais como são preditos pela segura palavra dos profetas. Preço para o público: 70\$00; preço especial para os jovens: 35\$00.

Para os menores, foi escolhido o livro de histórias morais e instrutivas intitulado *Jóias Infantis*, da autoria de Yolanda Anversa da Silva, e editado pela Casa Publicadora Brasileira, de S. Paulo.

acampamento nacional dos M. V. Não sabemos ainda se terá lugar em Tomar ou nas Caldas da Rainha. Contamos poder anunciar em breve o local definitivamente escolhido.

## Cinquentenário do Departamento dos M. V.

Passa-se este ano o cinquentenário da fundação do nosso Departamento. Contamos poder publicar

# O PERRERO E O PREGADOR

O velho comboio deteve-se, rangendo, diante dum armazém que vinha a ser o principal edificio de um apeadeiro chamado So-

em Julho um número especial da *Revista Adventista*, dedicado à comemoração desta data.

## Jovens, tornai-vos coobreiros de Deus!

Nestes últimos momentos em que vivemos, em meio de terrível corrupção entre os que não temem a Deus e a Sua verdade, será possível encontrar uma juventude alerta e bem consagrada, que com zelo e ardor se dedique à causa do Mestre, e que com o seu testemunho venha a salvar almas do terrível pecado que assola a humanidade?

Sim, é possível, embora difícil! Não foi a juventude chamada a prestar um grande serviço na causa de Deus?

Oh, se tão somente os jovens encarassem seriamente o perigo que correm em levarem uma vida descuidosa e indiferente para com a sua religião! A Sr.<sup>a</sup> White aconselha-nos em seu precioso livro *Mensagens aos Jovens*: «Rogo-vos, descuidosa, indiferente mocidade de hoje, convertei-vos e tornai-vos coobreiros de Deus. Seja a bênção e salvação de outros, o estudo de vossa vida.»

Caros jovens que comigo palmilhais esta mesma estrada: ainda não pensastes quão distantes nos achamos d'Aquêle que deve ser o nosso exemplo em tudo?

A irmã White é bem clara e positiva ao dizer-nos: «Vi que, se não houver uma inteira mudança na juventude, uma inteira conversão, ela perderá a esperança do Céu. Do que me tem sido mostrado, não há mais da metade dos jovens que professam a religião e a verdade, que sejam verdadeiramente convertidos.» — *Alinice de Sousa Lima* (*Revista Adventista*, de S. Paulo, Brasil).

## Trabalhando no meio das dificuldades da Colômbia

Ao sair da carruagem, deparei com alguns homens de olhar ansioso, pobremente vestidos e com a barba por fazer, que, sem cerimónia, empurravam os passageiros para os numerosos taxis estacionados num dos extremos do armazém, num recinto apertado entre os carris e a montanha, que, abruptamente, se erguia acima da movimentada cena. Finalmente, encontrei um carro onde já só faltava um passageiro; e, em breve, subia a encosta a caminho de Yolombó.

Ao deixar o carro, notei que Yolombó não é diferente de qualquer outra povoação da Colombia. Num dos lados da sua pequena praça, dois antiquados auto-carros enchem-se de passageiros para Medellín, enquanto do outro lado estacionavam alguns automóveis antigos, mas bem conservados, e algumas mulas com as suas cargas ainda sobre o dorso. A imponente igreja católica, de longe o mais impressionante edificio da terra, erguia-se em frente.

Parando à sombra da igreja, senti-me aliviado ao ver Gilberto Marín aparecer pouco depois, acompanhado de um amigo que me apresentou. Depois dos cumprimentos que, da parte deles, me pareceram algo constrangidos, Gilberto sugeriu que ele e eu fossemos para uma pensão esperar por Luís, que tinha de fazer algumas compras antes de partirmos.

Ao atravessarmos a praça, notei que o meu companheiro olhava, furtivamente, para trás. Despertada a minha curiosidade pelas suas atitudes, perguntei-lhe se havia alguma novidade. Respondeu-me que eu nem sequer podia imaginar o que se estava passando naquele momento. Pediu-me então que olhasse para a igreja, que agora nos ficava à retaguarda. Um homem subia os degraus quase a cor-

Por B. L. ROBERTO

rer e desapareceu pelas portas enormes e escancaradas.

— Vai dizer ao padre que o senhor já chegou, segredou-me.

Não houve tempo nem ocasião, para o meu guia me dizer qualquer outra coisa, porque tínhamos chegado à porta da pensão. Saberia mais tarde que os meus projectos de visitar algumas famílias interessadas nesta região montanhosa de Antioquia tinham chegado aos ouvidos do sacerdote, que advertira os seus paroquianos no sermão da véspera a não permitirem, como bons católicos, que um protestante pisasse o chão da sua vila. Era quase meio dia quando entrámos na sala de jantar da pensão. Como já tinha almoçado no comboio, sentámo-nos em duas cadeiras que se alinhavam junto da parede, voltados para as mesas. Pouco depois entrava um sujeito mais bem vestido do que os que se achavam a almoçar. Dirigiu-se à criada, trocou com ela algumas palavras apressadas, voltou-se e encaminhou-se para onde eu estava sentado. Disse que precisava falar-me e fez-me sinal para entrar para um quarto que abria para a sala de jantar.

Este homem era de pequena estatura, grisalho, e tinha uma barba de dois dias, pelo menos. Apresentou-se como sendo o administrador da terra e queria saber o que me tinha levado ali. Perguntei-me, depois, abertamente, se eu era protestante. É claro que lhe respondi afirmativamente.

Começou então a advertir-me contra o perigo de fazer a projectada viagem, explicando-me que a população tinha sido avisada da minha chegada. Agradeceu-me a atenção, e, embora eu não me tivesse manifestado nesse sentido,

creio que ele compreendeu que eu continuava disposto a fazer a viagem. Depois, com um gesto banal estendeu-me a mão e partiu.

Os minutos pareciam horas. Luís não aparecia. Finalmente, Gilberto levantou-se e, em voz baixa, disse-me que ia ver se descobria a razão da demora. Ao vê-lo desaparecer fui invadido por estranhos sentimentos de apreensão. Daí a pouco reparei num pequeno grupo de homens e rapazes postados na rua, em frente da porta. Alguns dos comensais encaminharam-se para a rua, passando pelo estreito corredor e, juntamente com os que já se encontravam fora, puseram-se a olhar para o lado da praça.

Precisava de saber se os meus amigos não estariam em apuros por causa da multidão. Por isso, depois de pedir ao Senhor que nos protegesse e guiasse, levantei-me e dirigi-me para a porta para ver o que se passava lá fora. Nada vi de especial e os meus receios desvaneceram-se um pouco.

A multidão começava agora a olhar para mim. Ao sentir os seus olhares perguntei a mim mesmo o que deveria fazer. Não tive muito tempo para considerar a situação, porque um polícia de uniforme azul dirigia-se para o hotel. Sem escolher palavras, informou-me de que o administrador queria falar-me. Parti imediatamente para a administração.

Ao atravessar a praça em direcção ao prédio onde estava instalado o gabinete do administrador, ouvi um galope atrás de mim. Voltei-me e vi sobre um cavalo um perrero (cavaleiro equipado com um pau de cerca de setenta e cinco centímetros de comprimento por dois e meio centímetros de secção, destinado a espancar cães vadios). Parou a meu lado, tão perto que o seu rosto não ficou a mais de uns escassos centímetros de distância do meu. Com o chapéu enterrado na cabeça, o ódio faiscando-lhe nos olhos, a face contorcida pela ira, disse-me:

— Conque Ud. va a la Cabana?

Respondi-lhe que naquele mo-

mento estava a caminho do gabinete do administrador. Aparentemente satisfeito por eu não mais pensar em fazer a viagem deu meia volta e desceu a rua a trote.

O administrador apontou-me uma cadeira, sentou-se a meu lado e disse-me que, como amigo, queria aconselhar-me a não tentar fazer a viagem. Vendo que eu ainda estava decidido a partir, pediu-me

nheiros não podiam partir sem que eu os notasse, resolvi esperar para ver o que queria a multidão. Ao chegarem onde estava, pararam. Perguntei-lhes onde iam. Responderam-me que nos iam esperar à saída da aldeia. Medindo a imprudência de lhes perguntar o que iriam fazer assim que nos encontrassem fora da aldeia, limitei-me a animá-los a continuarem o seu



*Todos estes obreiros da Colômbia e Venezuela passaram algum tempo na prisão por pregarem o Evangelho*

que abrisse a minha maleta. Tirou então a Bíblia e mais três ou quatro livros que eu levava comigo. Explicou-me que, se eu insistisse na viagem, ficaria com os livros até que eu voltasse. Não querendo perder tempo em argumentos aceitei um recibo respeitante aos livros e saí.

Daí a momentos estava de novo em frente do hotel. A multidão permanecia postada onde eu a deixara. Lá mais para o fundo da rua avistei Gilberto e Luís darem volta à esquina. Apressei-me para os apanhar, não tendo reparado logo que a multidão tinha começado a seguir-me. Ao chegar à esquina vi os meus dois amigos entrar numa cocheira onde tinham deixado os cavalos.

Sabendo que os meus compa-

caminho. E alguns assim fizeram.

Vi então que dois polícias, armados de pistolas e baionetas, desciam a rua, apressadamente. Continuei andando para a cocheira, onde encontrei Gilberto e Luís selando os cavalos. Estavam cheios de medo, confessando-me, abertamente, que a população projectava matar-nos.

Quando estávamos discutindo o que havíamos de fazer, uma voz de estentor prendeu a nossa atenção.

— Oiga, mister, vamos a discutir!

Um rápido olhar revelou que o seu possuidor era um sacerdote de rosto vermelho, alto e pesado, escarranchado num lindo cavalo baio. Estava rodeado de uma multidão de homens e de rapazes. Era

significativo não se ver nenhuma mulher.

Ao dirigir-me para a extremidade do recinto para poder responder, dois polícias entraram pela porta da cocheira e pediram aos meus amigos que os acompanhasse. Entretanto, o sacerdote tentava apresentar-me como inimigo da religião. À acusação de que eu não acreditava na virgem Maria respondi que acreditava ser ela a mãe de Jesus.

Ouvindo isto, a multidão irrompeu em coro:

— Viva la Virgem, viva la religion católica, abajo com los protestantes!

A atitude era fortemente hostil e reconheci que a situação era perigosíssima. No entanto, senti a certeza de que, se confiasse no Senhor, tudo havia de correr bem.

Os dois polícias empurravam Gilberto e Luís para fora da cocheira, em direcção à multidão, e decidi que devia segui-los para os ajudar no que fosse possível. Abrindo caminho pelo meio da turba, passei adiante do sacerdote. Advertiu-me a voltar para casa enquanto eu estava vivo e de saúde. À minha volta ouvia homens discutindo sobre o que me deviam fazer. Uns opinavam pela agressão, enquanto outros respondiam que eu não tinha dito nada de ofensivo na minha conversação com o sacerdote e que, portanto, deviam deixar-me ir em paz. Depois de me encontrar para lá da multidão, esta começou a seguir-me novamente.

A uma certa distância surgiu o

perrero anteriormente mencionado, vindo do lado da praça. Previ, imediatamente, que me ia agredir. Alguns homens tentaram intervir, mas ele conseguiu safar-se e, espremendo o cavalo na minha direcção, tentou bater-me com o pau. Pensei a princípio que se tratava de um facão, com o qual poderia ter-me cortado a cabeça de um só golpe.

O homem não me atingiu na primeira tentativa, facto que só posso explicar acreditando que um anjo desviou o golpe. Subi para o passeio, para onde ele me seguiu, fazendo uma segunda tentativa para me atingir na cabeça. As promessas do Salmo 91 cumpriram-se, porque de novo a vara não conseguiu tocar-me embora eu não tivesse feito qualquer tentativa para me esquivar ou fugir.

Neste momento apareceu outro sacerdote. Precipitou-se para mim, agarrou-me pelo braço e rosnou:

— Não queremos protestantes na nossa aldeia! Vou mostrar-lhe o caminho para casa!

Desprendendo-me dele, respondi-lhe que não necessitava do seu auxílio. Enquanto seguia para o gabinete do administrador para procurar saber o que acontecera a Gilberto e Luís, a multidão acompanhava-me.

Quando entrei no gabinete, o administrador indicou-me uma cadeia. Garantiu-me que tinha mandado prender os meus companheiros para os proteger. Compreendi então que a melhor coisa a fazer era deixar a aldeia. Se ficasse, a multidão esperaria pela melhor

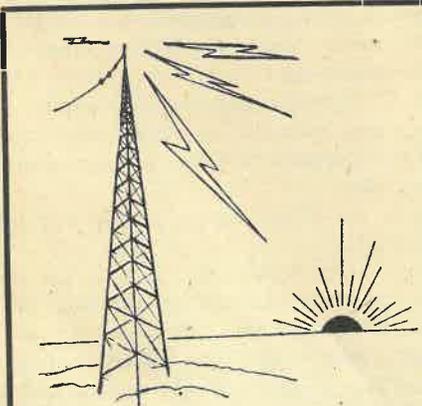
oportunidade para nos matar, caso tentássemos levar a cabo os nossos projectos. Se partisse, sem dúvida a turba dispersaria em breve, e o administrador libertaria os presos, que poderiam regressar, sossegadamente, a suas casas.

O administrador garantiu-me que se encarregaria de soltar os meus amigos na ocasião devida. Devolveu-me os livros e ofereceu-se para mandar chamar um taxi que me levaria à aldeia mais próxima, onde poderia tomar um auto-carro para Medellín. Agradei-lhe e disse que eu próprio podia procurar o carro. Ofereceu-se então para me mandar acompanhar por dois polícias para me protegerem da população. Quando declinei a oferta e me preparava para sair, o secretário insistiu quase freneticamente para que não me expusesse de novo à multidão.

Enquanto falava com ele, alguém chamou um taxi que veio estacionar justamente ao fundo da escada do gabinete para a rua. Agradei o cuidado do secretário e descii. Foi então que, repentinamente, o homem que já me abordara duas vezes se apeou do cavalo. Embora os polícias o tivessem visto, nenhum se moveu para o deter. Chegando à porta do carro, saltou para mim, dando-me com a vara na cabeça. Mas, achando difícil manejar a arma em sitio tão apertado, passou a dar-me murros até que a policia, finalmente, interveio.

Passaram-se vários meses desde a minha visita a Yolombó. Recebi três ou quatro cartas de pessoas interessadas, expressando o seu desejo de prosseguirem em busca da verdade. Luís esteve na igreja de Medellín há poucas semanas. O interesse é agora maior do que antes.

Não sabemos exactamente como havemos de alcançar estas almas, mas de uma coisa podemos estar certos — elas serão alcançadas. A despeito de dificuldades, perigos, perseguições e até da morte, a obra de Deus prosseguirá avante até atingir a sua gloriosa culminância com a vinda de nosso Senhor. Que Aquele que sempre cuida de Seus filhos nos ajude a acabar a tarefa.



**EMISSÕES  
ADVENTISTAS**

RÁDIO INTERNACIONAL DE TANGER,  
49 m (6110 kc) ou 243 m, (1232 kc)  
todos os Domingos, às 21,30.

///

EMISSORA DE BENGUELA,  
em Angola, 31 m e 60 m, todas  
as segundas feiras, às 20,30.

# NOTÍCIAS DO CAMPO

## MISSÃO DA MADEIRA

Agradecendo a Deus as melhoras físicas que me tem dado, além das inúmeras graças que Ele me tem dispensado, tanto na vida privada, como na chefia desta Missão, vou de novo dispor de algum tempo, para dar aos prezados leitores da «Revista Adventista» algumas notícias acerca do trabalho que em favor da obra de Deus se faz neste encantador arquipélago da Madeira.

**FUNCHAL** — Instalados num amplo e belo edificio, recentemente construído para o efeito, situado numa movimentada artéria desta capital, temos nós a nossa Missão, que pode receber condignamente qualquer Irmão, visita ou interessado.

Por semana fazemos três reuniões à noite (Domingos, Quartas e Sextas-Feiras). A maioria dos nossos Irmãos não está presente em virtude de morarem bastante afastados e só quem conhece a Ilha da Madeira e o seu solo acidentado é que pode avaliar o que é de penoso e de difícil andar por caminhos escusos e veredas tortuosas, durante a noite, por onde nem sempre há luz eléctrica, e a Lua poucas vezes aparece. Mesmo assim é com alegria que vemos nestas reuniões alguns Irmãos e visitas vindos de mais longe. Mas aos Sábados é consolador ver o nosso grande Templo quase cheio. Este é o dia da maior affluência de membros e visitas, e aqueles que não estão connosco outro dia, estão presentes no belo «Dia do Senhor».

As actividades departamentais da Igreja cumprem-se aqui conforme o programa vindo da nossa União. Temos o culto missionário no primeiro Sábado de cada mês, feito pelo director do departamento. Os 10 minutos missionários também são respeitados, sendo muitas vezes aproveitados para contar belas experiências, feitas pelos nossos Irmãos «em contactos» durante a semana.

A Escola Sabatina tem a sua bem organizada classe de Monitores. Os seus alvos financeiros são sempre em muito ultrapassados. Fazemos reuniões de Igreja, uma vez por trimestre; e quanto ao

Conselho da Igreja reúne-se uma vez por mês. Tudo isto é, quanto a nós, necessário, para o bom funcionamento da obra do Senhor.

Disponos de um bom número de jovens, que nos dão a sua colaboração, e que também formam um belo coro, que é sempre ouvido com muito agrado, tornando mais atraentes as suas reuniões.

**CANICO** — Temos nesta freguesia um grupo de 9 membros baptizados, que dentro em breve será acrescido de mais dois, visto termos um casal quase pronto para o baptismo. Por agora estamos fazendo ali as nossas reuniões numa sala, que nos é oferecida por um dos nossos Irmãos; mas no dia em que pudermos dispor duma sala, construída para o efeito, o número de visitas aumentará e logicamente o número de membros. Estamos na disposição de não perder a oportunidade, quando ela se nos deparar, de comprar um terreno onde possamos construir uma capela. É esta a vontade e o anseio de todos os nossos Irmãos daqui, que aliás é justo que se tome em consideração.

Nós reunimo-nos ali com os nossos Irmãos, na Sexta-Feira à noite e nos Sábados de tarde.

**SANTA CRUZ** — Para esta villa podemos aplicar o antigo alforismo: «Não há nada de novo debaixo do Sol». Assim é, infelizmente. Desde há uns anos a esta parte que não temos o privilégio de ver na nossa humilde sala qualquer visita vinda justamente desta villa. Não aparece ninguém daqui, a não ser de vez em quando uns tantos garotos para fazer barulho nas escadas. Algumas pessoas, embora gostando da mensagem, não vão ouvi-la com medo de serem vistas. Eu digo isto porque quando ali fazemos a Campanha das Missões, muitas pessoas sabem que as revistas são nossas e contribuem com os seus donativos. O receio destas pessoas reside no facto de que o senhor prior venha a saber, e como ele exerce uma grande influencia sobre elas, não se querem comprometer, pois poderiam prejudicar a sua vida material e ao mesmo tempo a sua reputação.

Aparecem, no entanto, por vezes, pessoas de ânimo forte que

não temem as insinuações do senhor vigário, mas vão ainda à sua própria Igreja discutir com ele certos assuntos do Evangelho. Foi este o caso passado com o simpaticante da nossa mensagem, José Vieira Coelho, casado com uma senhora que já esteve algum tempo num convento, e que agora se estão preparando para o baptismo.

Deve também dizer-se que a sala que temos em Santa Cruz deixa muito a desejar. Não tem beleza alguma convidativa. Precisa de grandes reparações, como pintura e calção e bancos novos. Mas o ideal seria a nossa mudança para outra sala melhor, noutra rua e talvez que assim a frequência fosse maior.

Temos ali um casal com 6 filhos, sendo 4 pessoas baptizadas, vindo ainda uma outra de Guala. Estamos ali reunidos com os nossos Irmãos, aos Sábados durante a tarde.

**MACHICO** — Nesta ridente localidade, onde vamos de 15 em 15 dias aos Sábados de tarde, temos uma familia com 5 pessoas baptizadas na nossa Igreja. Mas há alguns dias partiram para o Brasil 2 pessoas, marido e mulher, ficando agora mais resumido o número ali.

As nossas visitas ali foram agora um tanto prejudicadas, em virtude de ter caído, no dia 3 de Novembro, uma terrível tromba de água. Os enormes aluviões destruíram caminhos, arrastando as pontes, ficando muitas casas total ou parcialmente destruídas. No entanto, nem estas calamidades atraem as almas para mais perto de Deus.

No Funchal, Canico, Santo Cruz e Machico, apresentamos de uma maneira regular a Palavra de Deus. Mas faz-se aqui sentir enormemente a falta de um evangelista que tomasse a seu cargo estas duas últimas regiões. Com um obreiro instalado nestas localidades, irradiando a sua acção a estes sítios, estou certo que haveria progresso e mais almas accorriam à nossa Igreja. Falta o convívio com as pessoas, conhecê-las mais de perto e isso só seria possível com alguém permanente junto delas. Mesmo assim eu tenho recebido um grande auxílio neste

trabalho, porque pela graça de Deus dispomos no Funchal de 4 ou 5 elementos bem adestrados na Palavra que se têm posto à disposição da Igreja, e muito nos auxiliam, tanto intra como extra-muros. O Senhor Deus um dia os recompensará em glória.

Um dos maiores problemas que enfermam a nossa Igreja aqui, é, sem dúvida, a emigração. Em pouco mais de um ano enviámos 10 cartas de recomendação de pessoas, irmãos e irmãs que são da mesma fé, mas que partiram para países estrangeiros. A nossa Igreja é talvez aquela que maior número de cartas de «admissão» tem passadas por outras Igrejas do nosso movimento, em virtude dos muitos irmãos que nos deixam, procurando uma melhor vida além-fronteiras.

Realmente a Madeira é um centro pequeno e super-povoado. A terra produz com insuficiência para alimentar tanta gente. 270.000 pessoas, e por isso muitos lá vão rumo às Américas, ou então para o sul da África... Quando uma pessoa não pode manter a sua casa, e aquilo que ganha não lhe permite fazer face às despesas contraídas é justo que ela busque melhor posição. No entanto, há pessoas que têm aqui o seu emprego, o seu trabalho, que lhes dá para viverem com os seus, mas que mesmo assim, atraídos pela ideia do Eldorado, lá vão de abalada até Venezuela ou Brasil. Por vezes sentimo-nos tristes ao saber-mos que Irmãos nossos que aqui viviam razoavelmente, vivem lá fora muitas vezes sem trabalho e cheios de dificuldades. Nas nossas orações sempre pedimos a Deus que lhes dê melhor sorte se for da Sua vontade.

★

Quanto ao nosso trabalho, vai continuando, graças ao Senhor. Estamos trabalhando com uma boa classe baptismal, e espero que daqui a alguns dias (antes de sair este artigo na Revista) já tenhamos realizado uma bela cerimónia, a juntar a tantas outras já aqui realizadas.

Quanto ao aspecto financeiro deve-se colocar esta Igreja na escala das melhores da nossa União. Sempre pronta a qualquer sacrifício, alcançando sempre e até ultrapassando os alvos que nos são propostos. Quanto aos dízimos, podemos afirmar que mais de 85 % são fiéis ao Senhor.

Sem dúvida que muito pouco se fez em contraste com aquilo que se devia ter feito. Há ainda cidades, vilas, aldeias e lugares onde a mensagem do 3.º anjo se não

fez ainda ouvir, e enviar para lá obreiros e evangelistas, seria moroso e difícil. Por isso Deus dispõe hoje de um grande meio para o acabamento da Sua obra, isto é, a Rádio. Maravilhoso invento, célica mecanização, que através das ondas hertzianas levará a cada lar, senão a salvação, pelo menos o conhecimento da mensagem do Senhor.

Nunca foram tão oportunas as palavras do Apóstolo como nos dias em que vivemos: «E isto digo conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono, porque a nossa salvação está agora mais perto de nós de que quando aceitámos a fé.»

Há coisas que eu vos disse nestas despretençiosas linhas, mas como não tenho a arte da prosa ou do verso, talvez que o melhor ficasse por dizer.

Que estas «notícias» possam levar aos vossos pensamentos a certeza de que aqui, como em qualquer parte do mundo civilizado, ondeia também ao vento o estandarte de Emanuel, e está aceso o facho do Príncipe da Paz.

Saudações cristãs.

Manuel Laranjeira

## MISSÃO DE CABO VERDE

### Fogo

Na manhã de Sábado, 24 de Novembro p. p., a Igreja do Fogo participou de uma alegre festa espiritual, porque o seu Corpo foi aumentado com mais oito preciosas almas, que se vieram unir e abrigar à sombra do amor de Deus. Sim, eles selaram o pacto de paz com o seu querido Salvador ao descerem às águas baptismas. — Já se baptizaram este ano até a referida data vinte pessoas, que agora se regozijam na bendita Mensagem da salvação. Os que se desprenderam das amarras deste mundo pelo poder do Espírito Santo, já estão trabalhando em favor de outros, para que eles também participem da mesma fé e esperança da vinda de um Salvador prestes a vir.

Se todas as coisas correrem favoravelmente à colheita de almas neste ano, ainda é possível baptizar mais três pessoas em fins de Dezembro próximo. Não fosse uma certidão de óbito mal passada, dois já estariam casados e os três baptizados.

Em toda a história do trabalho, missionário nesta ilha até o presente, é 1956 o ano recorde de uma boa colheita de almas.

Por meio desta Revista venho agradecer a Deus e aos meus muito prezados colaboradores irmãos de

S. Filipe, (Cural Grande, Ribeira do Ilhéu, Lagariça, Canela e Salto pela óptima disposição que vêm dispensado pela causa do Mestre, não poupando os esforços, quer dentro ou fora da Igreja na conquista de almas através das visitas e estudos bíblicos. — Que Deus retribua em bênçãos físicas e espirituais a todos os irmãos que trabalham na sagrada vinha do Senhor.

Estou imensamente grato a Deus, por Ele ter aberto uma porta à pregação do Evangelho. Essa porta é na Freguesia de S. Jorge, onde já temos membros baptizados, o Sr. Alberto Inácio da Silveira e esposa. Eles prepararam uma sala e estão-nos a convidar para irmos lá pregar a Mensagem. O sítio fica a mais de 20 quilómetros de S. Filipe, mas ali há pessoas interessadas que precisam de ouvir as Boas Novas de salvação. Elas até agora têm sido visitadas pelos irmãos da R. do Ilhéu e de C. Grande; da minha parte ainda não entrei em contacto com eles, porque o veículo da Igreja está avariado desde há muito.

Esta ilha é pequena, mas tem campo suficiente para ocupar todos os que desejarem trabalhar nela através da oração. Agradeço, portanto, a todos os que orarem em favor do trabalho neste campo, até que ele esteja totalmente evangelizado e preparado para a gloriosa vinda do Senhor.

João de Mendonça

### Bombas atómicas em S. Nicolau

Não, não são daquelas que matam, mas sim das que dão vida e Vida Eterna, Verdades Eternas, cuja obra transcrevemos do que descrevem os nossos valentes missionários voluntários — Valério Fortes e Benjamim Hatz, que foram àquela ilha em serviço de Campanha das Missões.

«Informados de que sobejavam algumas revistas das Missões, nas outras ilhas, resolvemos, o irmão Benjamim e nós, a irmos até ao santuário de C. Verde (S. Nicolau) com o fim de fazermos a Campanha das Missões, tendo em vista mais dar a conhecer a Obra e a Mensagem Adventista, que recolher donativos, pois sabíamos já que o povo vive da agricultura, naquela bela ilha, que tanto podem ter fartura no «tambaque» como não ter um ceílil.

De posse das ditas revistas, embarcámos no dia 20 de Junho, no palhaborde «Ildut», sem alojamento nem direito a mencioná-lo, para

no dia seguinte, depois de termos passado uma noite confundidos com tábuas, caixotes, etc., desembarcamos no porto da Preguiça, com perto de trezentas revistas, 740 folhetos Verdades Eternas e muitos cartões de inscrição da Escola Rádio Postal, literatura temida pelas outras denominações, que já mereceu o título de bombas incendiárias.

Como era tarde, guardámos para o dia seguinte, que logo de manhã começamos a visitar as pessoas na Vila, que nos receberam, salvo algumas raras exceções, muito bem. Logo chegou o Sábado, lembramo-nos da Escola Sabatina e lá vamos até Água das Patas, visitar e conhecer um herói, que um ano após ter conhecido a Mensagem na América, veio para Cabo Verde, onde viveu isolado mais de vinte anos, fazendo sempre brilhar a luz. Não há ninguém que não conheça «Nhô Antone Justo» desde que se fale dum homem que não trabalha nos Sábados. No dia seguinte voltámos, em companhia do irmão António dos Santos, passando um belo dia cantando hinos e trocando impressões, visto não podermos trabalhar por ser dia de S. João, em que o povo dá largas aos tambores e danças regionais.

Combinámos no dia seguinte irmos a Queimadas, em companhia do Ir. Justo, e logo de manhã ele esperava-nos, onde passámos um dia cheio de belas experiências, donde regressámos já noite. O dia seguinte trabalhámos Campinho e fomos à noite para a Vila. Dia seguinte, 28, fomos para Caleição, onde fizemos o melhor trabalho, embora suspeitássemos o contrário. Mais algumas visitas e outro Sábado chegou e como anteriormente lá vamos para Água das Patas, desta vez acompanhados dum jovem que havia sido corrido de casa, em virtude das suas ideias anti-romanas. Outro belo dia, em que o Ir. Justo e Família nos fizeram cantar «Teheu» hinos.

Dia seguinte vamos para Praia Branca, onde encontramos um jovem que frequentou o nosso curso do 2.º ano, 1954-55. À noite fomos convidados a dirigir algumas palavras a um grupo de pessoas da Igreja Baptista, que lá reside. Este lugar é excomungado pela Igreja Romana, mas para nós bastante simpático.

Na tarde do dia 4 chegámos à Vila para no dia seguinte, quinta-feira, nos dirigirmos ao Tarrafal e voltarmos, afinal, no mesmo dia, caminhando assim, nesse dia, cerca de 40 quilómetros.

Na sexta-feira seguinte novamente visitámos pessoas amigas, e

fomos dormir à Água das Patas para no dia seguinte passarmos outro Sábado deleitoso.

Assim demos por terminado o nosso trabalho em S. Nicolau. Tí-nhamos ideias de permanecer em companhia do Irmão Justo até que houvesse barco para S. Vicente, dali a uma semana. Mas como nos falasse do seu plano de sementeiras antes que lhe descobrissemos o nosso intento, e como nós também somos semeadores (das Verdades Eternas) e sabemos que

(De regresso do Sal: S. Nicolau à vista. Mais uma dezena de longas horas e estamos em terra... A estrada está intransitável: choveu. O carro não vem. Há uma carta do nosso Irmão António dos Santos, mas temos de ir à Vila para lhe agradecer e a sua esposa a sua colaboração conosco, e mandar um abraço e notícias ao Irmão Justo e sua Família. Pusemo-nos a caminho e à hora aprazida estávamos de novo a bordo do «Ildut» para no dia seguinte,



S. Tomé — No momento do sermão da inauguração do novo templo

uma sementeira adiada pode dar grandes transtornos, demos voltas ao sótão e resolvemos preencher a semana de espera indo à Ilha do Sal com as 67 Revistas que ainda tínhamos. Eram poucas e os folhetos faltaram-nos. Mas seria melhor que se não fizéssemos nada.

As revistas mal chegaram para trabalhar no Sal, metade do lugar de Espargos, mas ficámos convictos que a ilha é um campo acessível à Mensagem; que as pessoas todas podem dar bons donativos e, sobretudo, que há até grande urgência do conhecimento das Verdades Eternas.

No Sal passámos três dias admiráveis e foi nosso franco hospedeiro um amigo de infância e colega de orgia nos tempos idos, hoje convertido da Igreja do Nazareno e irmão do Pastor da mesma denominação que ali se vai estabelecer. Ao nosso amigo Sabine Évora e sua mãe, também noutros tempos nossa colaboradora em festejos carnavalescos, estamos muito gratos e estamos certos que o Senhor os abençoará pela sua generosidade.

15 de Julho, apertarmos as mãos dos nossos irmãos de S. Vicente.

Damos graças a Deus por nos ter orientado quer na colocação da Revista, quer na distribuição dos folhetos e inscrições da Rádio Postal, quer nas reuniões que fizemos na Vila, como também na nossa conduta de que nos resultou muitos amigos, e mais uma vez exclamamos:

«Somos servos inúteis porque fizemos só o que devíamos fazer.» (S. Luc. 17:10.)

#### MISSÃO DE S. TOMÉ

O Pastor Pedro B. Ribeiro foi em Dezembro a S. Tomé, a fim de presidir à cerimónia da inauguração da nova igreja. Temos o privilégio de transcrever uma sua carta pessoal alusiva a esse acontecimento:

É com imenso prazer que lhe escrevo desta encantadora ilha, para lhe dar parte da missão de que o Conselho da União me incumbiu.

10 Sábado, 1.º de Dezembro, foi

um dia inolvidável para os membros da Igreja de S. Tomé, para os obreiros, para os interessados e amigos e constituiu um acontecimento de invulgar colorido e animação para toda a cidade.

A notícia de que a Missão Adventista se propunha proceder à inauguração do seu templo no Sábado primeiro de Dezembro, não passou despercebida aos habitantes da cidade e arredores. Muitos, ao terem conhecimento que haviam sido feitos convites impressos, logo pediram que lhes arranjassem também um.

Na manhã do santo dia de Sá-

manhã, hora marcada para o culto de dedicação do templo, uma multidão se aglomerava, na bela avenida em frente da porta central do edifício, cada qual querendo ser o primeiro a entrar, reaceando não arranjar lugar.

O tempo está pesado, e ameaça chuva! Sem os movimentos e a incansável actividade em que o vimos durante os dias que precederam esta data há tanto almejada, o director desta Missão, nosso Irmão Eliseu Miranda, transpira por todos os poros, só ao ver-nos pegar na tesoura com que cortaremos a fita, único obstáculo. ago-

Entre os muitos amigos europeus que nos visitaram neste dia, honrava-nos com a sua presença o Ex.<sup>mo</sup> Presidente da Câmara Municipal, que assistiu do princípio ao fim à cerimónia da inauguração.

A juventude da Missão deu-nos a sua valiosa colaboração, cantando vários hinos a vozes, que a assistência muito apreciou.

A oferta de gratidão deste bom povo, conquanto que tenha vindo logo após a da semana de oração, rendeu cerca de 1.700\$00. Quem entra em contacto com a vida privada deste povo nos seus lares, não pode deixar de concordar que uma tal oferta é prova de um real sacrifício.

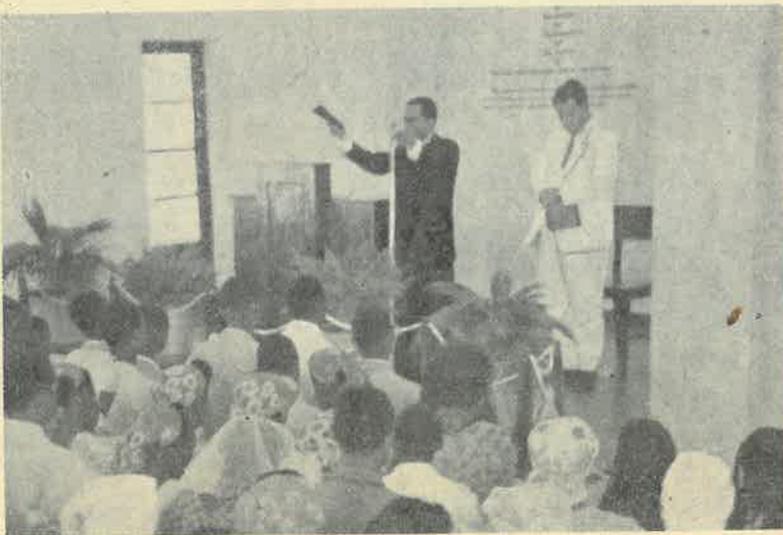
Na tarde deste inolvidável dia de Sábado, o povo voltou a reunir-se ainda em maior número, para assistir à Escola Sabatina.

Se é o fim que coroa a obra, segundo o velho aforismo latino, estava então reservado para esse momento o melhor desta festa espiritual. Os momentos eram de viva espectação quando, após o exame público, e sob os olhares curiosos da multidão que se comprimia, com as suas roupas de cores garridas, dentes alvos de neve e olhos brilhando através das faces bronzeadas, 12 preciosas almas iam descendo, quase em fila indiana, às águas do baptismo. Com a alegria que caracteriza sempre estes momentos, para a Terra e para o Céu, vieram estas almas selar o seu pacto com Deus, tornando-se pedras vivas no templo espiritual cuja entrega desejaram que coincidissem com os momentos em que consagramos a Deus este edifício de pedra e cal.

Antes de encerrar estas linhas desejo desobrigar-me de uma missão de que me encarregaram confiando-a às mãos do meu estimado Presidente. Pediram-me todos os assistentes a este acto de inauguração para transmitir aos Conselhos da Divisão Sul Europeia e da União Portuguesa, a expressão da mais sincera gratidão e reconhecimento do povo adventista de S. Tomé por terem tornado possível a construção deste templo por meio das suas dotações e bem assim por todas as provas de carinho e solícita atenção para com este pequeno campo do território da nossa vasta Divisão e desta Ilha que é qual esmeralda engastada no escrínio que constitui o tesouro da grande Mãe Pátria Portuguesa.

Daqui o saúda o seu muito dedicado em Cristo,

Pedro B. Ribeiro



S. Tomé — A Igreja faz votos de consagração a Deus

bado, por volta das 7 horas, começavam a afluir à Missão, por todas as entradas da cidade, irmãs e amigos das freguesias mais distantes da ilha, uns a pé, outros em automóveis alugados. Qualquer destes meios de locomoção implicaram em verdadeiros sacrifícios quer financeiros quer físicos, este último especialmente, pois muitos saíram de casa na sexta-feira à noite para chegarem à cidade depois do amanhecer e após mais de 35 quilómetros andados. Uma das primeiras pessoas que cumprimentei às primeiras horas deste dia, foi o regedor da vila de Santana, nosso amigo e, esperamos, futuro irmão na Fé.

Como o dia marcado para a inauguração do nosso templo coincidissem com um dia de festa nacional, os alunos da nossa escola compareceram bem cedo na Missão, com as suas fardas da M. P. para a formatura, a fim de se proceder ao içar da bandeira nacional.

Pouco antes das 10 horas da

ra simbólico, que impede a entrada no templo, realização de um desejo, aliás legítimo, de uma congregação como esta, que embora muito ajudada pelos fundos da Divisão e da União, muitas dezenas de milhares de escudos deu para poder ter o seu templo próprio.

Os lugares sentados do vasto templo foram prontamente ocupados, e são muitos mais os que terão de ficar de pé dos que os que conseguem partilhar da honra de um banco ou de uma cadeira para passarem seguramente duas horas sem mostrarem sinal de fadiga, salvo um ou outro, a quem a febre, galgando súbitamente lá para os 40° deixa prostrado, devendo ser medicamentado pelos serviços urgentes da Missão. Quantas pessoas estarão presentes? Talvez 600, ou mais, dizem-nos que mais umas 200 pessoas, teriam vindo de algumas freguesias mais distantes se lhes não tivessem faltado os meios de transporte nesse dia feriado.